

CRISE E RENOVAÇÃO DA ESQUERDA LATINO-AMERICANA NA TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA

CRISIS AND RENOWAL IN LATIN AMERICAN LEFT

*CRISIS Y RENOVACIÓN EN LA IZQUIERDA
LATINOAMERICANA*

Cristiano Pinheiro de Paula Couto¹

Resumo: A decantada “crise de paradigmas” terá relação, de acordo com Gumbrecht, com a emergência, no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, de um “clima de latência”, a sensação, ainda atuante, de que algo intangível vigora. O capitalismo tardio rege-se pela lógica de uma nova experiência de tempo histórico em que o passado, como “passageiro clandestino”, resiste em passar, o presente dilata-se e o futuro alberga ameaças. Nesse mundo em que Habermas reconheceu o “esgotamento das energias utópicas”, que tipo de *telos* poderia ser perseguido pela esquerda latino-americana? A proposta deste artigo é analisar como essa crise repercutiu nas conceptualizações teórico-políticas de três formações da esquerda latino-americana, atuantes no contexto da denominada transição democrática.

Palavras-chave: América Latina; Esquerda; Transição democrática.

Abstract: According to Gumbrecht, the so-called “paradigm crisis” might be associated with the emergence of a “mood of latency”, the feeling that something intangible is always on the point to happen. The late capitalism is regulated by the logic of a new experience of historical time in which the past stubbornly does not pass, like a “stowaway”, the present is enlarged becoming a persistent physical proximity, and the future is a refuge of threats. In this context in which Habermas found a presumed “exhaustion of utopian energies”, what kind of *telos* the Latin American left wing could pursuit? The purpose of this article is to inquire into the manner that this crisis echoed in the political and theoretical conceptualizations of three Latin American leftist formations active during the democratic transition.

Keywords: Latin America; Leftism; Transition to democracy.

Resumen: La decantada “crisis de paradigmas” tendrá relación, según Gumbrecht, con la emergencia, en el inmediato post-Segunda Guerra Mundial, de un “clima de latencia”, el sentimiento, aún activo, de que algo intangible vigora. El capitalismo tardío se rige por la lógica de una nueva experiencia de tiempo histórico en que el pasado, como “pasajero clandestino”, resiste en pasar, el pre-

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil, E-mail: cristianoppc@gmail.com

sente se alarga y el futuro alberga amenazas. En este mundo en que Habermas reconoció el “agotamiento de las energías utópicas”, qué tipo de *telos* podría ser perseguido por la izquierda latinoamericana? La propuesta de este artículo es analizar como esa crisis repercutió en las conceptualizados teórico-políticas de tres formaciones de la izquierda latinoamericana, actuantes en el contexto de la denominada transición democrática.

Palavras-chave: América Latina; Izquierda; Transición democrática.

[...] *bisogna fare una spietata autocritica della nostra debolezza, bisogna incominciare dal domandarsi perché abbiamo perduto, chi eravamo, cosa volevamo, dove volevamo arrivare. Ma bisogna prima fare anche un'altra cosa (si scopre sempre che l'inizio ha sempre un altro inizio): bisogna fissare i criteri, i principi, le basi ideologiche della nostra stessa critica.*² (A. Gramsci).

Da agonia da razão militante à busca de um novo projeto emancipador

Nos anos setenta, na América Latina, o feroz sufocamento da resistência armada tanto nos centros urbanos como nos ermos do interior, as devassas, censuras, perseguições, a derrota e posterior diáspora,³ arrebata-ram aos reduzidos setores sociais organizados e radicalizados que se haviam mobilizado para combater a ditadura militar o exíguo espaço de iniciativa que mantinham, ainda que na clandestinidade, dentro das esferas nacionais de atuação. O imperativo revolucionário fora o grande dínamo propulsor da vaga de contestação que, dos sucessos de Cuba à febril apoteose das barricadas de Maio de 1968, agitou a cultura política da esquerda latino-americana e mundial. O ímpeto revolucionário, o acionar guerrilheiro, fertilizado pelo húmus ideológico das poderosas metanarrativas modernas, fora a tônica dos discursos da esquerda na América Latina, mas, com o abatimento provocado pela escalada de violência das forças de repressão, entrou em declínio, embora tenha perseverado na Nicarágua, com a Frente Sandinista de Liberación

² “[...] é necessário fazermos uma autocrítica rigorosa de nossa fragilidade, é necessário começar perguntando-nos por que perdemos, quem éramos, o que queríamos, onde queríamos chegar. Mas, antes, é necessário também fazermos outra coisa (sempre se descobre que o início tem outro... início): é necessário fixarmos os critérios, os princípios, a base ideológica da nossa própria crítica.” (tradução minha) Fragmento de carta escrita por Gramsci, intitulada “Che fare?”, assinada com o pseudônimo Giovanni Masci e publicada no periódico juvenil *La Voce della Gioventù*, em Milão, no dia 1 de novembro de 1923. O texto original pode ser encontrado em: Martinelli, Renzo; Masci, Giovanni (1972): “Il ‘Che fare?’ di Gramsci nel 1923”. En: *Studi Storici*, 4 [Nr], pp. 790-805.

³ Sem a exclusão de contrastes, o uso do conceito de diáspora aparece, aqui, em conformidade com um dos atributos que Robin Cohen (1999: 274) reconheceu na caracterização que fez desse conceito: “The possibility of a distinctive yet creative and enriching life in host countries with a tolerance for pluralism.” “A possibilidade de uma vida diferente, mas nem por isso menos criativa e enriquecedora, nos países de acolhimento, com uma tolerância ao pluralismo.” (tradução minha)

Nacional (FSLN), e em El Salvador, com a Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN), e a necessidade de construir uma cultura política à altura do espírito da época e das condições sociais que eclodiram no contexto da transição democrática tornou-se imperiosa:

Junto con una manifiesta declinación de la cultura autoritaria – presente, no obstante, hasta en los microcontextos de la sociedad –, la transición volvió hegemónicas las problemáticas de una cultura política emergente, de naturaleza democratizante, y tornó residuales aquéllas que se nucleaban en torno a la cultura política revolucionaria, centrada en la ruptura violenta del orden democrático, hegemónica durante los años 60 y parte de los 70 (Patiño, 1998).

Para as formações de esquerda nucleadas nas três revistas de que trato neste artigo, seguramente para umas mais, para outras menos, levando em conta as particularidades de cada formação, o assertivo influxo das contingências históricas e das correspondentes tendências político-culturais consolidava de modo clamoroso uma mudança na cultura política, como aparece no comentário de Ariana Reano (2012, p. 494) sobre o modificado entendimento de José Aricó, integrante de *Controversia*, do conceito de política: “Se trataba de articular productivamente su tradicional cultura contestataria, centrada en las prácticas de resistencia, con una nueva cultura que contribuyera a la *construcción del orden democrático*.” As razões pelas quais o pensamento de esquerda latino-americano – e mundial, deve-se assinalar – entraram em crise não se restringiram apenas ao desalento provocado pela *débâcle* dos projetos revolucionários. O relatório Kruschew, a revelação do horror do *Gulag*, o avanço das forças do Pacto de Varsóvia sobre Budapeste para deter a sublevação húngara, a aniquilação do movimento reformista iniciado por Alexander Dubček na Tchecoslováquia, os desmandos e banimentos da revolução cultural chinesa, a marcha sangrenta do Khmer Vermelho de Pol Pot no Camboja, entre outros, foram eventos que abalaram a legitimidade do chamado “socialismo realmente existente” e infligiram pesados danos, de modo geral, ao movimento socialista, cuja continuidade e reorganização exigiram de seus ativistas e defensores um esforço de autocrítica.

De acordo com Rollemberg (1999, p. 205), que se dedicou ao estudo da trajetória de exilados brasileiros durante os anos da ditadura militar até à concessão da anistia política em 1979, “a ‘autocrítica’, segundo o jargão da época, da luta armada motivou o surgimento de muitas revistas”. A autocrítica não ficou adstrita, porém, aos exilados brasileiros. Tampouco esgotou-se em si mesma. Tendo a luta armada marcado, de modo geral, os processos políticos latino-americanos, a autoanálise sobre o desfecho da ação guerrilheira definiu amplamente o contexto político-ideológico em que as três revistas que analiso circularam. Para significativos setores da es-

querda, sobretudo para as frações que experimentaram o exílio, tornou-se mandatório, naquela conjuntura de transição, esconjurar os fantasmas da esquerda totalitária, como se pode notar nestas ponderações de José Aricó publicadas em *Controversia*:

El debate actual parte de la trágica realidad de un proyecto que se ha realizado de forma tal que ha puesto en cuestión el significado mismo del socialismo. Si a fines del siglo pasado se estaba planteando el problema de la “transición al socialismo”, lo que hoy se está discutiendo es si se puede llamar socialismo a las sociedades surgidas de la aparente destrucción del capitalismo. Si hoy resulta imposible formular una idea deductiva del socialismo, para que oficie de guía intelectual y moral del movimiento, si el socialismo por el que combatimos debe validarse en el examen en las virtudes pero también en las lacras del socialismo “real”, es preciso abandonar retórica y moralismo para abordar serenamente los efectos de una crisis de la teoría y de la práctica del movimiento socialista (1979, p. 13).

O fim do “delírio militante” aplastado brutalmente pela “loucura repressiva”, para usar hiperbólicas expressões de Benedetti (1982, p. 63), e o consequente aparecimento da necessidade de reformulação dos paradigmas que vinham conduzindo a linha de ação política dos setores subalternos radicalizados, bem como dos modelos que vinham delimitando o enfoque das análises teóricas formuladas pelo pensamento crítico de esquerda, surgem evidentes nos textos publicados nas três revistas que analiso e, à parte, sinalizam o dramático momento por que passava a *intelligentsia militans* da América Latina. Exilado no México, o grupo de intelectuais argentinos que fundou a revista *Controversia* expressa de maneira explícita e pungente, no editorial do primeiro número da publicação, essa necessidade de autocrítica e de revisão de princípios, de concepções sobre a política:

Muchos de nosotros pensamos, y lo decimos, que sufrimos una derrota, una derrota atroz. Derrota que no sólo es la consecuencia de la superioridad del enemigo sino de nuestra incapacidad de valorarlo, de la sobrevalorización de nuestras fuerzas, de nuestra manera de entender el país, de nuestra concepción de la política. Y es posible pensar que la recomposición de esas fuerzas por ahora derrotadas será tarea imposible si pretendemos seguir transitando el camino de siempre, si no alcanzamos a comprender que es necesario discutir incluso aquellos supuestos que creímos adquiridos de una vez para siempre para una teoría y práctica radicalmente transformadora de nuestra sociedad (Editorial 1979).

A “derrota atroz” que a formação de *Controversia* relatou ter sofrido não aconteceu dentro de um vácuo histórico, e a opção pelo enfrentamento armado também não transcorreu em uma dimensão supra-histórica. Houve,

na Argentina dos anos sessenta e setenta, um contexto com características muito próprias, sempre influenciadas pela forte repressão conduzida pelas Forças Armadas contra os opositores segmentos sociais organizados. Deve-se ter em consideração, portanto, que a história da guerrilha argentina não foi excepcional. Essa história inscreveu-se em um processo político-social de radicalização muito mais abrangente, sucedido em escala regional e internacional.

Na Argentina, em especial, a violência política levada a cabo por guerrilheiros motivados por um projeto emancipatório, com fundamentos na luta armada, pode ser mais bem compreendida quando tidos em conta dois precedentes distintos, mas intimamente relacionados e igualmente importantes. Por um lado, deve-se considerar a volátil estrutura político-institucional, ou seja, as frequentes oscilações no poder da década de 1930 em diante, com golpes militares e governos espúrios, sem legitimidade uma vez que resultantes de eleições conduzidas em um contexto de perseguição levada a efeito pelo peronismo, tudo isso ao mesmo tempo em que apareciam mudanças na estrutura econômica e social, seguidas de transformações significativas na classe trabalhadora e nos setores estudantis. Deve-se levar em consideração, por outro lado, as influências do cenário internacional, mais ainda aquelas que tiveram relação com os países do que era considerado, no período da Guerra Fria, o Terceiro Mundo, como os processos de radicalização que estavam a acontecer no contexto de descolonização da África e a destruição violenta, no Chile, com o assassinato de Allende, em setembro de 1973, do socialismo pela via democrática. Outro bom exemplo são os movimentos de libertação nacional latino-americanos, cujo epicentro foi a Revolução Cubana. Movimentos radicais também estavam a ocorrer, no decorrer da *détente*, no âmago do que era considerado o Primeiro Mundo, como as ações do grupo Baader-Meinhof na Alemanha ocidental.

Portanto, quando se pensa na derrota dos setores da esquerda argentina referidos no editorial de *Controversia*, há que se ter em conta que as organizações guerrilheiras argentinas surgiram e proliferaram quando totalmente esgotados os meios institucionais de participação democrática, anulados pela repressão social, política e cultural, e quando, também, em um momento de intensa comoção social, fazia-se sentir a influência de outros movimentos radicalizados no contexto internacional, seja nos países periféricos, seja nos países centrais (BASUALDO, 2006/2007, p. 10). De todo modo, convém ressaltar que o *deficit* democrático terá sido uma razão menor entre os fatores que motivaram a formação e a ação dos movimentos guerrilheiros na Argentina, considerando a compreensão desacreditada que esses grupos tinham da democracia. As razões político-ideológicas do desdém de frações da esquerda peronista argentina pela perspectiva democrática foram identificadas, em parte, neste trecho da análise de Jorge Bernetti,

publicada na segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, no número dedicado especialmente à situação argentina:

Al revisar el accionar de la izquierda peronista en ese momento resulta necesario consignar el carácter puramente instrumental que revistió la *etapa democrática* para su estrategia. En el peronismo, este proceso de menosprecio de la perspectiva democrática reconoce históricas razones políticas e ideológicas. El derrocamiento del primer gobierno peronista, en 1955, se hizo en nombre de la *democracia liberal* contra el *totalitarismo populista*. Era común a la derecha argentina entonces comparar a Perón con Stroessner, Trujillo o Somoza. Las proscripciones político-electorales del peronismo, vigentes en líneas generales hasta 1973, se hicieron utilizando la misma muletilla ideológica: la lucha contra el retorno de la tiranía (1979, p. 84) (grifos no original).

Controversia foi o resultado de uma série de reflexões que iniciaram dentro de círculos marxistas e socialistas e de facções do peronismo de esquerda, provindos da comunidade de exilados argentinos no México, cujas relações com a luta armada, em um passado bastante próximo, haviam sido estreitas. Seu próprio nome evidencia a última palavra sobre todo o seu projeto político-cultural, que consistiu na tentativa de publicar reflexões críticas sobre a derrota de projetos políticos com que seus integrantes estiveram comprometidos, bem como sobre o marxismo, sobre o populismo argentino, sobre o socialismo nos países do Pacto de Varsóvia etc. Ao longo dos três anos em que foi publicada, expôs discussões acerca de temas centrais que continuam a afetar a sociedade argentina (ROJKIND, 2004, p. 223-251). Em entrevista recente, realizada no âmbito da cerimônia de apresentação da edição fac-similar de *Controversia*, Sergio Bufano explicou desta forma a motivação do grupo de intelectuais cordobeses exilados que a fundou, em outubro de 1979:

La revista surgió en México a partir de la propuesta de Miguel Angel Picatto, un periodista cordobés y radical. Nos convocó a unas quince personas y, a partir de ahí, empezó un proceso de discusión sobre qué carácter debía tener la publicación. Picatto proponía un periódico que denunciara la dictadura. Pero algunos empezaron a pensar en profundizar qué estaba pasando con el peronismo y con la izquierda en Argentina, sobre todo en los grupos armados, y qué estaba pasando con el marxismo a nivel mundial. Nos parecía que ya había muchas publicaciones de denuncia sobre la dictadura (2009).

O índice do quarto número de *Controversia*, publicado em fevereiro de 1980, trouxe, entre outras, uma seção intitulada “Documentos”, na qual se apresentou uma pequena compilação de cinco textos escritos por Rodolfo

Walsh entre agosto de 1976 e janeiro de 1977. Não fosse sua reprodução em *Controversia*, o conhecimento de seu conteúdo poderia ter ficado restrito à esfera estritamente organizacional para a qual foi originariamente concebido, posto que se tratavam de textos com teor programático, “orgânico”, elaborados com o objetivo de formar diagnósticos e estabelecer linhas condutoras para o acionar de seu destinatário preciso, qual seja, a organização guerrilheira Montoneros.

Apesar do nítido interesse que esses textos de Walsh possam ter tido para o público leitor do periódico publicado por exilados argentinos no México, aquilo que mais vale indagar sobre eles não são suas considerações internas, tomadas isoladamente. As motivações para o deslocamento de seu espaço original de enunciação é o que vale perquirir. Importa saber em que condições o pensamento de Walsh é exposto, ou melhor, qual o contexto de sua nova enunciação em *Controversia*? À que se poderia adjudicar a sua presença na publicação dirigida por Jorge Tula?

Para além de seus sentidos mais evidentes, desbordando aquilo que eles revelam por si mesmos, há interesse em conhecer como eles eventualmente foram apresentados pelos colaboradores de *Controversia* no espaço reservado para a sua apreciação. Que importâncias lhes são atribuídas?

Una de las importancias de estos textos, es que exponen las gruesas equivocaciones cometidas por una política y, desde esa mirada, de muchas maneras vislumbran su disolución. Otra de sus trascendencias – como documentación para una historia – reside en que esa visión de Walsh no es la que prevaleció en la vida interna del montonero. Pero, como otros testimonios que registran discusiones de este tipo, esta suerte de “dobles derrotas” que sufre un pensamiento, atesora luego los elementos más valiosos para comprender el por qué de un proyecto político vencido (CASULLO, 1980, p. 19).

De maneira semelhante, essa crítica às linhas de ação paramilitar, cujo apelo fora inebriante nas décadas anteriores, evidenciou-se também nos *Cuadernos de Marcha*, como se pode perceber neste comentário feito pelo poeta Juan Gelman (1994: 55-58) em entrevista a Marco Antonio Campos, quando a publicação voltou a ser publicada em Montevidéu: “Tuve un período como de tres o cuatro años sin escribir. Sólo conseguí hacerlo cuando rompí con Montoneros en 1978. En ese momento estaban llevando una política suicida.” E, ao ser perguntado como foi sua ruptura com os Montoneros, o poeta respondeu: “Fue la culminación de un proceso. Montoneros plantea la política de la contraofensiva militar cuando el movimiento popular está derrotado; me negué a seguir adelante.” Com um filho assassinado e desaparecido, Gelman bem sabia que não havia um equilíbrio de forças, de todo. Havia, sim, um conflito militar extremamente assimétrico, uma

“guerra suja”, que não se parecia em nada com uma guerra convencional, como os militares queriam fazer crer, e o engajamento nesse conflito, no lado ostensivamente mais fraco, só poderia derivar na autosabotagem. Héctor Schmucler, em *Controversia*, também não poupou a ala mais radical da esquerda peronista:

La anécdota montonera tiene validez en la medida que refleja una forma de pensar la política por parte de las fuerzas que se llaman revolucionarias. ¿A partir de qué principios se piensa lo político? ¿A qué realidad remite? Aun en nombre del materialismo la izquierda, con frecuencia, genera su práctica desde esquemas estrictamente imaginarios. No es la realidad, si no construcciones ideales lo que preside su política (1980, p. 4).

O desideratum do momento: Consenso

Assumida a derrota pela crítica às linhas de ação política escolhidas, restava definir quais seriam os novos rumos a traçar e seguir. No interior de expressivos segmentos do meio intelectual latino-americano ideologicamente ligado à esquerda, percebeu-se que, enquanto os projetos sociopolíticos dos movimentos contestatários não estribassem sobre o conjunto de práticas e de crenças que povoavam o imaginário de estratos mais abrangentes e heterogêneos da rudimentar, mas com protagonismo crescente, sociedade civil, enquanto não tivessem base social, permaneceriam escassas as possibilidades de êxito e reduzidas as capacidades de catalisar transformações. À esquerda latino-americana daquela época cumpria, pois, a tarefa de mobilizar novas ideias, ou seja, fazia-se necessário constituir abordagens “capazes de despertar a adesión de amplios sectores sociales” (BÉJAR, 1980, p. 21). Sob a incidência cada vez mais forte do pensamento de Gramsci, conquistou espaço progressivo no debate, em detrimento da ideia de “revolução”, o conceito de “hegemonia”, que, no marco da democracia política, deveria ser plasmada mediante a adesão da maioria da população: “Se trata [...] de repensar un proyecto de transformación social con el cual se puedan identificar las amplias mayorías.” (LECHNER, 1988, p. 42-43) O partido político, “o príncipe moderno”, teria uma responsabilidade significativa na elaboração desse projeto:

Hace ya tiempo que me preocupa la vinculación entre el partido y las masas. No sólo el vínculo con sus militantes, sino, y quizás en mayor medida, la relación entre el partido, los grupos dominados y las capas intermedias de la sociedad. El problema, es claro, consiste en la construcción de la *hegemonia* (MINELLO, 1981, p. 25) (sem grifo no original).

Ainda que a observação que segue esteja relacionada com o contexto político-cultural argentino do período da redemocratização, seu conteúdo e significado também são válidos para explicar o estado de espírito em que se encontravam tanto os intelectuais ligados ao grupo dos *Cuadernos de Marcha*, quanto aqueles vinculados ao grupo da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*: “Hay que construir el consenso; éste parece ser el *desideratum* del momento, aun para el campo intelectual.” (PATIÑO, 1998)

Embora a ideia de “revolução” (WOLFF, 2004, p. 935)⁴ tenha sido ao longo de muitos anos o epítome da utopia de esquerda latino-americana, farol e “mito” incendiário das paixões que desencadeou, potência animadora do voluntarismo visionário daqueles que a abraçaram incondicionalmente, seu irresistível poder histórico de arrebatamento havia arrefecido, seu *páthos*, esmorecido. Foi perdido, assim, o sentido mítico da missão da esquerda latino-americana. Tendo deixado de se considerar como uma vanguarda da virtude cívica, a esquerda perdeu, mais do que aquele sentido mítico que a guiara, a convicção de que detinha uma verdade.

Estava gerado, portanto, o antecedente necessário para um entendimento variado sobre os diferentes agentes de intervenção política: “La vía del cambio social no es unilateral, ni puede estar concentrada en un solo modelo, ni será abierta por una sola clase.” (BÉJAR, 1980, p. 20) Essa constatação pode ser inscrita naquilo que Jean Franco designou como o “declínio da cidade letrada latino-americana”, isto é, a perda relativa da influência que a opinião dos intelectuais, particularmente dos escritores na análise de Franco, teve na esfera pública antes do naufrágio do sistema político e do surgimento agressivo de fortes concorrentes: “And with the passing of time, the growing influence of the media, and the foundering of the political system, the importance once attached to the opinions of the writers has diminished.”⁵ (2002, p. 101) Depois dessa incisiva erosão, os intelectuais não mais se confundiriam com a esbelta Marianne de Delacroix, guiando o povo, na vanguarda, em direção ao “mundo bom”. O abandono dessa posição social, contudo, não se daria de maneira uniforme. Ao contrário, aconteceria de forma dúctil. A apoteose depois da vitória da Frente Sandinista, em 1979, por exemplo, deu alguma sobrevida ao estatuto do intelectual enga-

⁴ Jorge H. Wolff (2004, p. 935), ao analisar a crítica cultural latino-americana dos anos setenta, seus encontros e desencontros, situa, como pares antitéticos, dois conceitos em pugna à época: revolução e pluralismo: “O primeiro, como se sabe, representa a principal idéia-força das certezas políticas características do período, tanto de direita – já que os militares aplicaram-na de fato, ainda que retoricamente, conforme seu modo de entendê-la – quanto de esquerda – a qual lhe devotava um fervor mais do que religioso e se supunha detentora indiscutível de sua propriedade. Já o segundo, igualmente problemático, significaria a dissolução de qualquer teleologia”.

⁵ “E com o passar do tempo, com a crescente influência dos *media*, e com o naufrágio do sistema político, a importância atribuída em outros tempos à opinião dos escritores sofreu um forte abrandamento.” (tradução minha)

jado, oferecendo condições de enunciação adequadas para Cortázar seguir pensando em compromisso, em missão do intelectual, do escritor, como se nota no pronunciamento que fez na Nicarágua: “Cada vez que nosotros, los escritores, mostremos caminos mentales y estéticos inéditos, habremos contribuido simultáneamente a destruir los viejos ídolos y a abrir nuevos caminos en *la marcha hacia la luz*” (1983, p. 51) (sem grifos no original).

Na crista de uma nova construção social do tempo: do “esgotamento das energias utópicas” ao florescimento do apego às “possibilidades”

Tornava-se imprescindível, por meio da revisão crítica de esquemas teóricos falhados e à luz das condições sociais e políticas existentes, a emergência de uma ideia-força capaz de nuclear as diversas camadas da sociedade e impulsionar mudanças. Nas páginas de *Controversia*, lê-se que o contexto experimentado naquela altura configurava:

[...] un mundo esencialmente *nuevo* y exige también un *nuevo* sistema de conceptualizaciones, *nuevas* estrategias políticas, *nuevos* programas de acción y un lenguaje *renovado*, sin los cuales, las izquierdas latino-americanas no podrán ubicarse en una posición social y política que les abra perspectivas hacia el poder (BÉJAR, 1980, p. 20) (sem grifos no original).

Afinal de contas, o que mudara nesse mundo a ponto de gerar urgência em fazer surgir a tão devotada novidade? Ora, os contínuos choques do petróleo relacionados com a instabilidade política no Oriente Médio causaram enorme impacto na economia internacional. Além do mais, o fim do padrão dólar-ouro, anunciado em 1971 pelo presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, deu um desfecho para a ordem monetária internacional construída, em 1944, em Bretton Woods, e fez aparecer um inédito padrão monetário, baseado em câmbio oscilante, com o dólar infalivelmente na dianteira. Não fosse o Plano Marshall, talvez a alternativa socialista dos países do Leste pudesse ter sido mais apelativa para a “reconstrução da Europa Ocidental à imagem norte-americana” (ARRIGHI, 1996, p. 306). A gigantesca injeção de recursos estadunidenses criou condições privilegiadas para um crescimento acelerado dos países arrasados na Segunda Guerra Mundial. Os “trinta anos gloriosos”, expressão que Jean Fourastié (1907-1990) escolheu para designar o momento de esplendor sem precedentes que a economia francesa experimentou entre o fim da Segunda Guerra e a primeira crise do petróleo (1945-1973), foi um período em que se testemunhou um fortalecimento prodigioso das economias devastadas pelos anos de conflito. Às tantas, esse rápido desenvolvimento acabou deteriorando os termos de troca para os Estados Unidos, que, reagindo,

implodiram a ordem monetária que pavimentou a lógica econômica da “Era de Ouro” do capitalismo.

O ano de 1973 não foi somente definido pelo choque da primeira crise do petróleo. Em setembro, um golpe militar no Chile derrubava o governo democrático de Salvador Allende. Dois meses antes, surgia a Comissão Trilateral, lançada por David Rockefeller, organização privada e opaca que promoveu a concertação de dirigentes de multinacionais, governantes de países ricos (Estados Unidos, Europa ocidental e Japão) e partidários do liberalismo econômico; cenáculo da elite política e econômica internacional, hostil aos “excessos da democracia”, como a contestação do papel da Agência Central de Inteligência (CIA, na sigla em inglês) no golpe de Estado do Chile e a reivindicação de novos direitos sociais. A Trilateral foi o ponto de partida, segundo Olivier Boiral, da guerra ideológica moderna (2003, p. 14). A grande finança, baseada na desregulamentação, na acumulação flexível e na privatização, irrompe com força total e põe abaixo o sistema de Bretton Woods.

Ocorria, concomitantemente, do terceiro quartel do século XX em diante, pelo menos no Ocidente, uma intensa transformação no cronótopo, isto é, na “construção social do tempo”, com agudas implicações políticas e socioculturais, haja vista o declínio da velha temporalidade linear, homogênea e vazia do historicismo, com sua inabalável fundamentação na marcha inexorável do espírito universal em direção ao progresso. A mudança de cronótopo ocorreu quando foi se extenuando a esmagadora e irresistível confiança nas veneráveis leis da “modernidade sólida”, isto é, as “leis naturais”, as “leis da ciência” e as “leis da história”, e, no mesmo movimento, quando foi se tonificando, no mundo impalpável da “modernidade líquida” reconhecida por Bauman (2001), a fé nas “leis do mercado”. Atesta bem o teor dogmático do novo credo o draconiano lema que o inspirou, repetido à exaustão por Margaret Thatcher: “Não Há alternativa”.

Esta tenaz insistência em afirmar a necessidade de criação do “novo” poderá ter sido reflexo, mesmo, do surgimento de um mundo em ebulição, intrinsecamente inaudito, sem ter sido tão-só um simples sobejo de um tempo “em que ‘ser’ significa um novo começo permanente” (BAUMAN, 1998, p. 20), um tempo que assistiu ao deleite quase generalizado com o contínuo sacrifício do “velho” no altar do progresso. A derrocada da racionalidade moderna viu ruir promessas de um vir-a-ser grandioso. Nesse contexto de fragmentação da historicidade, em que Habermas (1987) reconheceu o “esgotamento das energias utópicas”, seria ainda possível pensar no “homem novo”? Na América Latina, o começo dos anos oitenta, momento em que, desde *Controversia*, Héctor Béjar notava com alguma reticência os impasses da esquerda, acomoda, como rescaldo da crise desencadeada pela cada vez mais perceptível dissolução da razão histórica, a aceitação, particular, de experimentos teóricos inusitados:

De un modo cruel y muchas veces traumático acontece una “crisis de paradigma”, con efecto benéfico empero: la ampliación del horizonte cultural y la confrontación con obras antes desdeñadas o ignoradas. Es significativo que una editorial socialista traduzca los escritos políticos de Weber y Carl Schmitt (LECHNER, 1988, p. 30).⁶

A decantada “crise de paradigma” terá relação, de acordo com a hipótese de Hans Ulrich Gumbrecht (2010), com a eclosão, no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, de um “clima [*Stimmung*] de latência”, ou seja, a sensação, ainda atuante, de que algo intangível está presente. Para ilustrar a transformação na “construção social do tempo” que tem sido gestada ao longo de décadas de incidência desse “clima de latência”, Gumbrecht reporta-se ao relato sugestivo de Jackson Pollock, publicado na revista de número único, nomeada *Possibilities*. Depois de errática, mas obstinada busca artística, Pollock, em meados dos anos quarenta, encontra seu gesto criativo, sua forma, que logo seriam consagrados:

My painting does not come from the easel. I hardly ever stretch my canvas before painting. I prefer to tack the unstretched canvas to the hard wall or the floor. I need the resistance of a hard surface. On the floor I am more at ease. I feel nearer, more a part of the painting, since this way I can walk around it, work from the four sides, and literally be *in the painting* [...]. When I am in my painting I'm not aware of what I'm doing. It is only after a sort of “get acquainted” period that I see what I have been about. I have no fears about making changes, destroying the image, etc., because the painting has a life of its own. I try to let it come through. It is only when I lose contact with the painting that the result is a mess. Otherwise there is pure harmony, an easy give and take, and the painting comes out well (GUMBRECHT, 2013, p. 207).⁷

⁶ A editora socialista citada por Lechner é a Folios que, em 1984, publicou, no México e em Buenos Aires, *El concepto de lo político*, de Carl Schmitt, texto que fez parte da coleção “El tiempo de la política”. Não é à toa que a direção dessa coleção ficou sob responsabilidade de José Aricó. Outro teórico publicado pela editora Folios foi Max Weber, cujos *Escritos Políticos* também integraram aquela coleção dirigida por Aricó.

⁷ “Minha pintura não vem do cavalete. Eu raramente estico a tela no chassi antes de pintar. Prefiro fixá-la diretamente na parede ou no chão. Preciso da resistência de uma superfície dura. Com a tela no chão, sinto-me mais solto. Sinto-me mais perto da pintura, tenho a impressão de fazer parte dela, porque posso movimentar-me à sua volta, trabalhar nos quatro lados da tela, estar literalmente *dentro da pintura* [...]. Quando estou em minha pintura, eu não faço ideia do que estou fazendo. Só depois de uma espécie de ‘período de adaptação’ é que vejo o que estive fazendo. Não tenho medo de fazer mudanças, destruindo a imagem etc, porque a pintura tem uma vida própria. Procuro deixar que esse mistério se revele. Só quando perco o contato com a pintura é que o resultado é confuso. Caso contrário, há harmonia pura, um dar e receber livre, e a pintura sai bem.” (tradução minha, grifos no original) Em setembro de 1947, surgiu, em Nova Iorque, *Possibilities 1: An Occasional Review*, tendo como editores Pierre Chareau (1883-1950), arquiteto; Harold Rosenberg (1906-1978), escritor e crítico marxista;

Gumbrecht reconhece nesse gesto de Pollock algo que extravasa a perceptível situação espacial do artista no “interior” da pintura. O abandono do cavalete e a vertiginosa precipitação na “vida própria” da pintura implica uma transformação da experiência do tempo, porque estar “na pintura” requer a renúncia de um presente que é pura sequência de momentos de transição (o presente do velho cronótopo) e o enveredar por domínios de um presente expandido, em que o processo criativo e o estar-no-mundo são capturados pelas incertezas e estímulos do futuro, que, convivendo com um passado vigente de forma quase corpórea, na qualidade de “passageiro clandestino” (RUNIA, 2006, p. 315), já não é mais a garantia inelutável de um glorioso desfecho, o que não quer dizer que tenha perdido a faculdade de guardar em si “possibilidades”, e Aricó, desde o marxismo antidogmático, estava, de algum modo, talvez pelo empenho com que sempre buscou instaurar o princípio da crítica em sua análise, perfeitamente a par dessa transformação.

Na América Latina do começo dos anos oitenta, ao menos nas frações do pensamento da esquerda intelectual, incursões teórico-políticas supostamente estrambóticas, apesar do ocasional espanto que possam ter gerado quando foram levadas a cabo, deixam de causar surpresa quando se tem em conta algumas das características desse “mundo novo” identificado por Héctor Béjar. Manifestado por Aricó, o interesse aparentemente extravagante pelo pensamento anti burguês e antiliberal de Carl Schmitt poderá ter representado a provocadora disposição de pensar a “crise do marxismo” enquanto produto de uma ruptura bem mais abrangente, mas não ilimitada. No vórtice da crise das formulações filosóficas e históricas de parte considerável da teoria social do século XIX, houve, todavia, um sistema de ideias que permaneceu incólume: a grande narrativa do liberalismo (KUMAR,

Robert Motherwell (1915-1991), pintor; e John Cage (1912-1992), músico e compositor. Se o fascismo estetizara a política, o desenvolvimento da Guerra Fria, que marca o contexto em que aparece *Possibilities*, levaria ao extremo a “politização da estética”. O programa da revista pretendeu recusar a interferência dos ditames culturais da Guerra Fria na criação artística, tendo como fundamento a convicção de que a arte seria produto de uma não-planejada e imponderável indagação, premissa provavelmente indigesta para os dois blocos de poder contendores. Buscava-se constituir um tipo de terceira força subversiva em relação aos polos opositores. Motherwell e Rosenberg, na declaração de abertura, apresentam o programa da revista: “This is a magazine of artists and writers who ‘practice’ in their work their own experience without seeking to transcend it in academic, group or political formulas. The question of what will emerge is left open. One functions in an attitude of expectancy. [...] Political commitment in our times means logically – no art, no literature.” “Esta é uma revista de artistas e escritores que ‘praticam’ em seu trabalho a sua própria experiência, sem tencionar transcendê-la pelo recurso a fórmulas acadêmicas, gregárias ou políticas. A questão sobre o que deverá emergir é deixada em aberto. Opta-se por uma atitude de expectativa. [...] O compromisso político nos nossos tempos implica, logicamente, a negação da arte e da literatura.” (tradução minha) Harrison, Charles; Wood, Paul (eds.) (1999): *Art in Theory 1900-1990. An Anthology of Changing Ideas*. Oxford UK and Cambridge USA: Blackwell Publishers Ltd., p. 649.

2006, p. 171). Tratava-se, possivelmente, de encontrar, no exato momento em que o discurso liberal-conservador flexionava seus músculos outra vez, modos de pensar, em resposta ao gradativo debilitamento, a renovação do marxismo:

De modo que Schmitt resulta fundamentalmente un pensador “para la crisis”. Crisis de la racionalidad moderna que es también, en los tempranos ochenta, “crisis del marxismo” en su modo de encadenarse con la tradición iluminista. La provocación (él mismo utiliza ese término) que introduce Aricó con la edición de Schmitt consiste en colocar la radicalidad de su crítica a la modernidad al servicio de la renovación del marxismo [...] (CORTÉS, 2011, p. 12).

Ainda que mais de dez anos separem o reconhecimento que Héctor Béjar fez do mundo que começava a se mostrar no começo dos anos oitenta da crítica que Aricó fez à utopia no princípio dos anos noventa, talvez não seja impertinente sugerir que alguns dos fundamentos dessa crítica podem estar naquele momento determinado pela crise, mas não inteiramente desprovido de “possibilidades”. Quem sabe não terá sido nesse contexto de “esgotamento das energias utópicas” que uma nova energia, tomando de empréstimo a expressão de Habermas, começou a se constituir? Uma energia gerada pelo apego ao possível, como lembrou Aricó:

La utopía es el recurso de los débiles. Cuando no se sabe cómo salir del paso, se recurre a la utopía. [...] El exceso de discurso utópico liquida la posibilidad de amar lo posible; y sin una suerte de *adhesión a lo posible*, de búsqueda de lo posible, no podemos hacer de la política una dimensión humana (1991, p. 121) (sem grifos no original).

Robustecia-se na América Latina, e no Ocidente, a “virada liberal da esquerda” (RIMBERT, 2012, p. 10-11). Esse movimento não traduzirá capitulação na batalha das ideias, embora seja plausível pensar que terá sido muito incitado pelo reconhecimento da derrota. Na passagem dos anos setenta para os oitenta, quando a grande narrativa do liberalismo resistia intacta à crise de paradigmas, inclusive fortalecendo-se, e o marxismo era cada vez mais corroído pela intempérie produzida por essa crise, fazia-se praticamente irrecusável a necessidade de buscar acomodações, o que nem sempre exigiu grandes peripécias teórico-ideológicas. Os sistemas de ideias, ainda que tentem se construir como puros, não são imiscíveis. Será em vão que o liberalismo ambicionará, na escalada da globalização ideológica, o estatuto de pensamento único, porque custa muito para qualquer coerência absoluta lograr existir à mercê da história, grande desmancha-prazeres, cujos agentes de destruição, no sentido sugerido por Benjamin (1986: 188), estão sempre

à espreita: “O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas, por isso mesmo, vê caminhos por toda a parte. Mesmo onde os demais esbarram em muros ou montanhas, ele vê um caminho.” Encarnando esse “caráter destrutivo”, setores do marxismo latino-americano, no desbarato da crise e à vista do revigoramento do liberalismo, irão atuar para, nas palavras de Benjamin, “criar espaço” e “abrir caminho”, às vezes, de modo incomum, mas sempre como resultado de uma posição nada ortodoxa, para escândalo de alguns e regozijo de outros. Quando a política, não apenas via Carl Schmitt, mas, também, pela leitura de Max Weber, começa a destronar, no marxismo dos gramscianos argentinos, o primado de décadas das dimensões econômica e social, a cobiçada pureza do liberalismo padecerá muito, e de balde, para se manter inexpugnável.

No texto fundador da “nueva izquierda” argentina, o editorial do primeiro número de *Pasado y Presente*, publicado em 1963, que pode ser considerado, igualmente, como um tipo de documento instituidor da “geração intelectual” (SIRINELLI, 1986, p. 105-107) participante da formação de *Pasado y Presente*, a mesma, aliás, de *Controversia*, Aricó, citando um comentário do filósofo italiano Antonio Banfi (1886-1957) sobre o marxismo, permite que se reconheça, pela remissão, uma das atitudes norteadoras dessa geração: “[...] El marxismo triunfa usando las armas del mismo adversario y enriqueciéndose de sus tesoros, no como botín de saqueo, sino como premio de una reconocida victoria.” (ARICÓ, 1963, p. 17) A construção de uma nova “visão do mundo” que fosse capaz de fazer do marxismo uma filosofia de massas, eliminando a fenda histórica, criada pela sociedade de classes, entre as elites intelectuais “criadoras” da cultura e o conjunto das massas convertidas em simples “consumidoras”, requeria, não só naquele gesto fundador, mas permanentemente, segundo Aricó:

[...] saber penetrar en el **interior** de los puntos de vista del adversario ideológico, desmontar paso a paso las construcciones ficticias, mostrar sus contradicciones internas, sus presupuestos metafísicos, sus métodos abstractos, sus deducciones incorrectas. Pero al mismo tiempo extraer todo lo que de verdad, de conocimiento ellos expresen. Es así que el marxismo deviene fuerza hegemónica, se convierte en la cultura, **la filosofía** del mundo moderno en el centro dialéctico del movimiento actual de las ideas y universalizándose (1963, p. 17) (grifos no original).

Mesmo que o princípio da propriedade privada seja elementar na tradição liberal, seus zelosos defensores não terão como reclamar a posse exclusiva de todas as proposições formadoras dessa tradição. Assim, será tomando de assalto princípios reivindicados como particulares que parcelas da esquerda intelectual latino-americana, de variadas maneiras e com diferentes intensidades, promoverá uma substancial mudança de perspectiva,

assimilando conceitos como constitucionalismo, legalidade, limites do poder estatal, ordenamento jurídico, Estado de Direito etc. Na transição de regimes ditatoriais para regimes que deveriam ser edificados sobre a ordem democrática, esses conceitos apresentavam-se como indispensáveis.

Meses antes do aparecimento da revista *Controversia*, Portantiero, um de seus fundadores, publicou, como colaborador, um artigo no número 2 dos *Cuadernos de Marcha*, intitulado “De la crisis del país popular a la reorganización del país burgués”. Um dos seus excertos, ao passo que menciona o fracasso da “revolução”, anuncia o aparecimento de uma ideia capaz de produzir o desejado consenso:

Frente a una realidad trágica que dejó atrás el optimismo de 1970, que no coloca en la agenda de las próximas horas la “actualidad de la revolución”, el pensamiento tiende a hacerse más prudente: temas que para las izquierdas fueron casi siempre motivo de manipulación, aparecen ahora cargados de sentido sustancial. Por ejemplo, el de la democracia (1979, p. 11).

A revolução enquanto elogio da razão militante perde o efeito entorpecente que tivera outrora: “Acaba o caráter messiânico e finalista da empreitada militante radical de esquerda [...]” (WOLFF, 2004, p. 936) Tomba o imaginário político instigador do “espírito da revolução”, que, segundo a hipótese de Daniel D. Jacques (1999), terá sido a última manifestação da ancestral “ética heroica” identificada por Charles Taylor. Cresce, como visto no capítulo anterior, apesar de polêmica, nos lugares que abrigavam o discurso de esquerda, entre eles as revistas culturais, como novo instrumento de consenso, a noção de democracia, cujo poder simbólico parecia representar a possibilidade de reorganização e de reafirmação do discurso dos movimentos sociais subalternos e insurgentes. Seria essa noção o eixo em torno do qual o pensamento crítico latino-americano tentaria construir capital político. Todas as três revistas que analiso foram parte da grande rede de publicações político-culturais que circularam na América Latina naquele contexto de transição. *Punto de Vista* e *Novos Estudos do CEBRAP* foram revistas publicadas no mesmo momento transicional, e o comentário que enunciou Ana Cecília Olmos sobre essas revistas pode ser estendido às três publicações que são analisadas nesta tese. *Punto de Vista* e *Novos Estudos* promoveram:

[...] una revisión crítica del ideario de izquierda que *desmontó la perspectiva revolucionaria* que guiara el pensamiento y la praxis política en décadas anteriores, tomó distancia con relación al curso histórico seguido por los socialismos reales de Europa oriental y, fundamentalmente, desarrolló una reflexión que buscaba articular el ideario socialista con los principios democráticos que había activado la coyuntura transicional (2004, p. 942) (sem grifos no original).

No período da transição para a democracia, o Brasil passou por transformações socioculturais e políticas que confluíram para a formação do que viria a ser designado, no primeiro governo pós-ditadura, como Nova República, termo auto instituído que diz respeito ao mandato presidencial de Tancredo/Sarney. Parte das esquerdas brasileiras, aquela que havia optado por orientações mais radicais, desgastada pelo assimétrico confronto com o poder militar, na crisálida de sua recomposição, procurava rearticular-se e fortalecer-se no nascente tabuleiro político que começava a ganhar contornos no contexto do declínio do regime militar e da consequente abertura democrática.

O Partido dos Trabalhadores (PT), fundado nesse contexto, exprime o esforço que essa parcela das esquerdas brasileiras moveu para delinear um novo percurso capaz de conduzir seus projetos à “conquista de hegemonia”, nos termos de Gramsci. O politólogo Milton Lahuerta, em seu estudo sobre a consolidação, no Brasil dos anos setenta, das formulações de um “partido intelectual” constituído pelos integrantes da denominada “escola paulista de ciências sociais”, sobretudo por aqueles próximos a Florestan Fernandes, sugere o nexos entre a consagração da “interpretação do Brasil” amparada nessas formulações e o ocaso, no interior da esquerda intelectual, do sistema de conceitos previamente dominante:

Observando-se a década de 1970 no Brasil é impossível deixar de perceber que nela a história política do país experimentou uma grande virada, sendo marcada, simultaneamente, por momentos de muita tensão e por transformações culturais e sociais de grande monta. Nela, não só se tornou explícita a ruptura com o quadro conceitual até então inquestionável e referenciado pelo *nacionalismo*, como foi possível também ter a exata dimensão da *derrota* sofrida pelo conjunto de forças que lhe dava sustentação política (2001, p. 57) (sem grifos no original).

Essas transformações tiveram repercussão nos discursos culturais, e a complexa relação entre política e cultura, sempre candente no meio intelectual, foi responsável pelo incitamento de uma abundante produção crítica. Revistas como *Encontros com a Civilização Brasileira* funcionaram como um termômetro dessas mudanças por que passou a sociedade brasileira na conjuntura da transição democrática. Vale sublinhar que segmentos do Conselho Consultivo de *Encontros* estavam integrados por intelectuais que futuramente viriam a pertencer a destacados quadros partidários e, na condição de “orgânicos”, alguns deles, como Waldir Pires, Fernando Henrique Cardoso e Darcy Ribeiro, passariam a ocupar postos de relevo no sistema político formal.

A revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, cujo período de circulação está abarcado por esse intervalo de tempo, manteve e “ampliou”, como

ênfático no seu primeiro editorial, publicado em junho de 1978, a “linha de conduta intelectual” da *Revista Civilização Brasileira*, fundada em 1965 e empastelada em 1968, por delito de opinião em decorrência da radicalização do regime militar brasileiro, gerada pela promulgação do AI-5. Talvez aquilo que mais importa destacar nos termos explicitados de forma tão característica por Ênio Silveira neste primeiro editorial sejam suas observações sobre a atuação dos intelectuais:

Em linhas gerais [...] a coleção *Encontros com a Civilização Brasileira* mantém – e amplia – a linha de conduta intelectual que, de 1964 a 1968 [sic], cercou de tanto apreço a *Revista Civilização Brasileira*, uma publicação cuja alta relevância cultural e política tem sido constantemente realçada em qualquer pesquisa que se faça [...] sobre a difícil, mas constante, atuação da *intelligentsia* nacional naquele período tão agitado de nossa história (1978, p. 7-8) (sem grifos no original).

O projeto político-cultural de *Encontros com a Civilização Brasileira* perpetuava uma identidade fortemente definida por aquele “nacionalismo” mencionado por Lahuerta, cujas concepções teriam sido suplantadas pelas proposições de um “partido intelectual” emergente, representado pela “escola paulista de ciências sociais”. O epicentro da cultura política deixa de ser o Rio de Janeiro, reduto da Editora Civilização Brasileira, e passa a ser São Paulo. A defesa desse nacionalismo populista, esteve, não apenas no Brasil, bastante associada, usualmente, à certa representação dos intelectuais.

Em texto sobre a *Revista Brasiliense*, Claudia Wasserman (2010, p. 381) observou que os intelectuais integrantes da publicação dirigida por Elias Chaves Neto em todos os seus 51 números, editados entre 1955 e 1964, “possuíam uma *visão prescritiva* do papel que exerciam na sociedade” (sem grifos no original). A despeito das eventuais diferenças que uma análise comparativa mais detida provavelmente poderia identificar, é plausível argumentar que houve uma “estrutura de sentimentos” compartilhada entre os grupos da *Revista Brasiliense* e da Editora Civilização Brasileira. Essa “estrutura de sentimentos” pode ser sugestiva e por vezes contraditoriamente denominada “romântico-revolucionária” (RIDENTI, 2005, p. 81-110).⁸ Embora as ideias de Romantismo e de Revolução pareçam ser irreconciliáveis, aquele, nutrido, por um lado, pelo pensamento liberal e sua ênfase no indivíduo, e, por outro, pelo idealismo, jogou muita água no moinho da crítica à modernidade capitalista e à sociedade industrial. Nos seus *Grundrisse*,

⁸ Michael Löwy, comentando a presumível visão romântica de José Carlos Mariátegui, sugeriu que o Amauta teria apresentado, em um ensaio de 1924-25, dois tipos de Romantismo: o Romantismo Reacionário que vai dar no fascismo; e o Romantismo Revolucionário que vai dar no bolchevismo. Löwy, Michael (2012): “Marxismo e Romantismo”. En: *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 6 [vol.], 1 [Nr], p. 82.

Marx criticava a prometeica insistência dos românticos em esquadriñar o mito, a bruma e o etéreo em busca de valores perdidos em priscas eras:

É tão absurdo aspirar ao retorno de uma plenitude original quanto crer que a História imobiliza-se para sempre no vácuo do presente. O ponto de vista burguês nunca avançou além desta antítese entre ele mesmo e o ponto de vista romântico, e assim esse último acompanha-lo-á, como sua antítese legítima, até seu final feliz (LÖWY e SAYRE, 1999, p. 43).

Ora, tanto o arrebatamento lunar da “visão do mundo” romântica como o rigoroso e metódico materialismo científico de Marx fundaram-se, no limite, na promessa teleológica de um nirvana, seja no passado, seja no futuro. Ainda que Marx não tenha visto no movimento cultural romântico nada além de um assomo nostálgico e conservador, a expressão dos interesses de classe da nobreza despojada pela Revolução Francesa, a influência desse movimento nascido no fim do século XVIII exerceu um grande apelo em muitos marxistas heterodoxos. Talvez não se possa encontrar, na América Latina, um pensador da heterodoxia marxista que mais tenha envidado esforços para promover a dialética entre materialismo e idealismo, como Benjamin fez na Alemanha, ao conceber um tipo de “marxismo talmúdico”, do que o peruano José Carlos Mariátegui com sua visão de um socialismo indo-americano: “No âmago da sua heterodoxia marxista e na singularidade do seu discurso filosófico e político, encontra-se um momento irredutivelmente romântico” (LÖWY, 2005, p. 105).

A vaga histórica que sucedeu a Revolução Cubana, de 1959, e a Conferência de Medellín, de 1968, também presenciou a insinuação bastante pronunciada dessa curiosa dialética no pensamento social latino-americano. Este é o momento em cujo caldo de cultura se formaram a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base. Possivelmente, os fragores dessa vaga histórica terão permitido, por fim, aquela sinergia tão almejada por Benjamin, entre o anão teológico e o autômato enxadrista, em que o esforço conjunto de ambos não implicaria mais artifícios engenhosos para se concretizar, em que o anão deixaria de ser mero coadjuvante, para ser, igualmente, um protagonista, em que a Teologia, “velha feia e enrugada” da modernidade racionalista e secular, poderia deixar de se esconder e garantir o triunfo de um materialismo histórico messiânico (LÖWY, 2005b, p. 41-47). Essa dialética entre Romantismo e Revolução parece-me oportuna para a análise não apenas do “grupo da *Civilização Brasileira*”, mas, também, das formações nucleadas nos *Cuadernos de Marcha* e em *Controversia*.

Pode-se escrever nostalgicamente sobre os “últimos intelectuais” (JACOBY, 1990) e sobre o declínio de sua atuação social e cultural na cidade. Pode-se, do mesmo modo, analisar criticamente a defecção de muitos pro-

fissionais e diletantes da cultura e do conhecimento dos marcos teóricos do marxismo, propondo-se como síntese explicativa dessa “apostasia” a expressão “intelectuais em retirada” (PETRAS, 1990).⁹ Pode-se, ainda, analisar a transição por que passou a representação do intelectual nos últimos dois ou três séculos, recorrendo-se às figuras metafóricas dos “legisladores” e dos “intérpretes” (BAUMAN, 2010).

Seja como for, mesmo que os efeitos do surgimento de um mercado de bens culturais, do fortalecimento dos *media* e da profissionalização já se fizessem sentir na passagem da década de 1970 para a de 1980, no Brasil e na América Latina, catalisando essa transição e produzindo uma crise de identidade, muitos dos intelectuais, não todos, das formações de *Encontros com a Civilização Brasileira*, da segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e de *Controversia* permaneciam, a despeito do “declínio da cidade letrada” observado por Jean Franco, sob o influxo do princípio sartreano do engajamento, cujo desdobramento lógico sempre foi a intervenção. Sob o signo de certo “salvacionismo messiânico”, viam-se como portadores de um mandato que lhes impunha o “dever” de dinamizar a construção de uma “consciência histórica” capaz de romper estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas excludentes. Consideravam-se como porta-vozes da sociedade diante do Estado. Mantinham, ainda, as qualidades do “intelectual demiurgo”.

Interessa destacar, contudo, que a incidência dessa crise de identidade no meio intelectual não foi linear, mas bastante móvel, pois houve, até mesmo no interior das formações identificadas com as três revistas aqui estudadas, mais de uma valência de resposta à mudança que estava em formação. Com efeito, enquanto alguns adaptaram-se muito bem às novas linhas definidoras da representação do intelectual que aos poucos adquiria um arranjo delimitado, inclusive preparando-se para galgar posições na embrionária estrutura de poder da ordem democrática em desenvolvimento, outros, ora irredutíveis, ora perplexos, não se dispunham a renunciar ao *ethos*, ao conjunto de práticas e valores que caracterizaram a atuação social dos intelectuais até à chegada da crise.

Qualquer análise que se quiser fazer das revistas da Civilização Brasileira dificilmente conseguirá deixar de referenciar, mesmo que implicitamente, o sentido pedagógico e, em alguma medida, moralista de suas enunciações. Assim, o autodenominado “grupo da *Civilização Brasileira*” assumiu “a ‘missão’ de constituir um projeto de emancipação da sociedade brasileira através do princípio de liberdade de criação e expressão na esfera da cultura” (CZAJKA, 2005, p. 102). Nos termos de Ênio Silveira:

⁹ Raul Burgos (1999, p. 284) observa que este artigo, provavelmente, é o texto que melhor condensa o conteúdo das críticas da esquerda “revolucionária” contra os gramscianos argentinos, que teriam desertado do marxismo para posições liberais.

Entendemos que é dever de todos os *intelectuais conseqüentes* intensificar sua participação nesse esforço (lutar pelas liberdades democráticas e pelo debate de idéias), e, sobretudo, colaborar para que ele valha também como base para a edificação de valores individuais e coletivos que, filosoficamente, se ofereçam como pontos de apoio de estruturas sociais mais justas e humanas (1978, p. 8) (sem grifos no original).

Como revista de ideias manifestamente associada às correntes de pensamento social de esquerda, *Encontros*, com propósito deliberadamente pedagógico, reuniu parte representativa dos setores intelectuais insurgentes do Brasil, setores, vale sublinhar, bastante heterogêneos. Apenas três anos antes do lançamento de *Encontros*, Ênio Silveira publicou, também, a revista *Livro de Cabeceira do Homem*, cuja primeira fase circulou em 1967. No editorial do primeiro número de *Encontros*, Ênio Silveira destacou a emergência da sociedade civil nos movimentos pela redemocratização do Estado brasileiro e a principal motivação da sua nova incursão no periodismo político-cultural:

Embora ainda pesem sobre a vida nacional sombrias cargas de arbitrariedade e violência, torna-se cada vez mais forte o amplo movimento de opinião pública que, lutando em todas as áreas pelas *liberdades democráticas*, vem conquistando aberturas que já permitem ampliar o ostensivo debate de idéias, essencial ao progresso cultural do país (1978, p. 8) (sem grifos no original).

O propósito maior do editor da *Civilização Brasileira* nesse novo avatar de um projeto editorial que fora iniciado sob a sua direção nos anos sessenta e interrompido pelo obscurantismo da ditadura militar brasileira foi ampliar, sobre fundamentos críticos, o debate de ideias, debate que deveria ser promovido não por qualquer intelectual, mas pelos “intelectuais conseqüentes”, que atuariam, intermediando a relação entre sociedade e Estado, em conformidade com o que foi notado por Daniel Pécaut (1990, p. 256) na análise que fez sobre as repercussões do AI-5 na organização social do meio intelectual brasileiro: “Os intelectuais têm as mãos livres para se constituir em uma espécie de partido, sem contornos precisos e sem aparelho, mas incumbido da defesa das *liberdades democráticas* tanto quanto possível” (sem grifos no original).

Referências

ARICÓ, José María. Pasado y Presente. **Pasado y Presente**. Revista Trimestral de Ideologia y Cultura, Córdoba, n. 1, p. 1-17, abril/junio 1963.

_____. La crisis del marxismo. **Controversia**, Para el exámen de la realidad argentina, México, D.F., n. 1, p. 13, octubre 1979.

ARICÓ, José María; OVIEDO, José. La utopía es el recurso de los débiles. **Leviatán**, Revista de hechos e ideas, n. 46, p. 117-128, 1991.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BASUALDO, Victoria. Derivaciones posibles de la polémica iniciada por Oscar del Barco: reflexiones para una agenda de investigación. **Políticas de la Memoria**, n. 6-7, p. 9-13, 2006/2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais**. São Paulo: Paulus, 2010.

BÉJAR, Héctor. La izquierda latinoamericana ayer y hoy. **Controversia**, Para el exámen de la realidad argentina, n. 6, p. 20-22, mayo 1980.

BENEDETTI, Mario. Geografías. **Cuadernos de Marcha, México**, D.F., n. 19, p. 63-66, mayo/junio 1982.

BENJAMIN, Walter. O caráter destrutivo. In: BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa (et al.). São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

BERNETTI, Jorge Luis. Izquierda: derrota y proceso democrático. **Cuadernos de Marcha**, n. 2, p. 83-88, julio/agosto 1979.

BOIRAL, Olivier. Pouvoirs opaques de la Trilatérale. **Le Monde Diplomatique**, n. 596, p. 14, 2003.

BUFANO, Sergio. **Reeditan la colección completa de la revista Controversia**. Página/12, Buenos Aires, 2009.

BURGOS, Raul. **Os gramscianos argentinos**. Cultura e política na experiência de Pasado y Presente. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 337p., 1999.

CASULLO, Nicolás. Walsh y su pensamiento político en 1976. **Controversia**, Para el exámen de la realidad argentina, n. 4, p. 19, febrero 1980.

COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: from Victims to Challengers. In: COHEN, Robin; VERTOVEC, Steven. (eds.). **Migration, Diasporas and Transnationalism**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999.

CORTÁZAR, Julio. El compromiso del escritor. **Cuadernos de Marcha**, n. 24, p. 50-51, noviembre 1983.

CORTÉS, Martín. Entre Benjamin y Schmitt: el rompecabezas de José Ari-có para pensar América Latina. **Nómadas**, Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas, América Latina, Número Especial, p. 5-19, 2011.

CZAJKA, Rodrigo. **Páginas de resistência: intelectuais e cultura na Revista Civilização Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura) – Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, 126p., 2005.

EDITORIAL. **Controversia**, Para el exámen de la realidad argentina, n. 1, p. 2, octubre 1979.

FRANCO, Jean. **The decline and fall of the lettered city: Latin America in the Cold War**. Cambridge/London: Harvard University Press, 2002.

GELMAN, Juan. La pérdida del sueño y la utopía. **Cuadernos de Marcha**, Montevideo, n. 91, p. 55-58, 1994.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Uma rápida emergência do ‘clima de latência’”. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 303-317, 2010.

_____. **After 1945: Latency as Origin of the Present**. Stanford: Stanford University Press, 2013.

HABERMAS, Jürgen. A nova intransparência. A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. **Novos Estudos**, n. 18, p. 103-114, setembro 1987.

HARRISON, Charles; WOOD, Paul (eds.). **Art in Theory 1900-1990**. An Anthology of Changing Ideas. Oxford UK and Cambridge USA: Blackwell Publishers Ltd, 1999.

JACOBY, Russell. **Os últimos intelectuais**. São Paulo: Edusp/Trajectoria Cultural, 1990.

JACQUES, Daniel. Grandeur et misère de l'intellectuel prophète. **Argument**, Montréal, v. 2, n. 1, mars 1999.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna**. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. **Cadernos AEL**, v. 8, n. 14-15, p. 57-92, 2001.

LECHNER, Norbert. De la revolución a la democracia. In: LECHNER, Norbert. **Los patios interiores de la democracia. Subjetividad y política**. Santiago de Chile: FLACSO, 1988, p. 23-43.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. A corrente romântica nas ciências sociais da Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams. **Crítica Marxista**, n. 8, p. 43-68, junho 1999.

LÖWY, Michael. Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, p. 105-116, dezembro 2005.

_____. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005b.

_____. Marxismo e Romantismo. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 6, n. 1, p. 76-84, 2012.

MARTINELLI, Renzo; MASCI, Giovanni. Il ‘Che fare?’ di Gramsci nel 1923. **Studi Storici**, Roma, n. 4, p. 790-805, ottobre /dicembre 1972.

MINELLO, Nelson. El partido y su relación con las masas. **Cuadernos de Marcha**, México, D.F., n. 13, p. 25-30, mayo/junio 1981.

OLMOS, A. C. A. . Práctica intelectual y discurso crítico en la transición. Punto de Vista y Novos Estudos del CEBRAP. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. LXX, n. 208-209, p. 939-955, julio/diciembre 2004.

PATIÑO, Roxana. Culturas en transición: Reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la Argentina de los ochenta. **Revista Iberoamericana de Bibliografía**, v. XLVIII, n. 2, 1998.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática S. A., 1990.

PETRAS, James. Retreat of the intellectuals. **Economic and Political Weekly**, Mumbai, v. 25, n. 38, p. 2143-2156, September 1990.

PORTANTIERO, Juan Carlos. De la crisis del país popular a la reorganización del país burgués. **Cuadernos de Marcha**, México, D.F., n. 2, p. 11-20, julio/agosto 1979.

REANO, Ariana. Controversia y La Ciudad Futura: democracia y socialismo en debate. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 74, n. 3, p. 487-511, 2012.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 1, p. 81-110, 2005.

RIMBERT, Pierre. A história não se repete. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, Instituto Pólis, n. 57, p. 10-11, 2012.

ROJKIND, Inés. La revista Controversia: reflexión y polémica entre los argentinos exiliados en México. In: YANKELEVICH, Pablo (ed.). **Represión y destierro. Itinerarios del exilio argentino**. Colección Diagonios. La Plata: Ediciones al Margen, 2004, p. 223-251.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílios**: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

RUNIA, Eelco. On presence: Spots of time. **History and Theory**, v. 45, n. 3, p. 305-316, October 2006.

SCHMUCLER, Héctor. Testimonio de los sobrevivientes. **Controversia**, Para el exámen de la realidad argentina, México, D.F., n. 9-10, p. 4-5, diciembre 1980.

SILVEIRA, Ênio. Por quê e para quê? **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-8, julho 1978.

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle**, Revue d'histoire, n. 9, p. 105-107, janvier/mars 1986.

WASSERMAN, Claudia. A Revista Brasileira e os debates da esquerda brasileira entre 1950 e 1960. In: Crespo, Regina Aída. (ed.). **Revistas en América Latina**: proyectos literarios, políticos y culturales. 1ª ed., México, D.F., 2010.

WOLFE, Jorge H. . Sou marginal! Sou herói! O periodismo cultural no entrelugar do intelectual latino-americano. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. LXX, n. 208-209, p. 915-938, julio/diciembre 2004.